



nordeste
município

Diniz da Luz

um homem com o mar na janela
e a liberdade no pensamento

Uma memória do Nordeste para o mundo



“

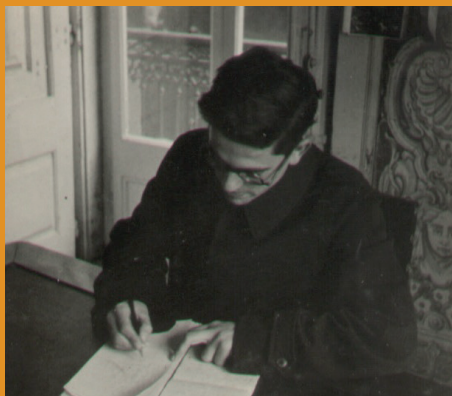
Em Lisboa, sou dos Açores, nos Açores sou de S. Miguel, em S. Miguel, sou do Nordeste, no Nordeste, sou do Nordestinho, e no Nordestinho, sou do Burguete. No Burguete – ai de mim! – sou... de Lisboa, que me não sai do pensamento nem nos sonhos de cada noite... Em Lisboa, vivi a minha vida, quase trinta e um anos, pelo que me apetece voltar ao princípio: No Burguete, sou de Lisboa.

”

Diniz da Luz

Há lugares que marcam os homens mesmo antes de o destino os revelar; e há homens, como Diniz da Luz, que continuam a marcar a sua terra mesmo quando a sua presença se torna apenas silêncio, luz e memória.

A história do padre Diniz da Luz revela um percurso invulgar, de sacerdote a jornalista destemido, admirado pela coragem da sua escrita, distinguido por reis e respeitado pela independência de pensamento. Relembramos o seu percurso de vida, desde a infância no Nordestinho e os anos de formação no seminário de Angra, passando pelo auge de uma carreira jornalística em Lisboa, até ao regresso à terra de origem, onde viria a encontrar a sua última morada. Embora tenha nascido num concelho pobre e remoto, não se deixou limitar pelas fronteiras do seu pequeno Nordestinho. Para os seus conterrâneos, era um padre diferente, um homem singular, um poeta e escritor como nenhum outro.



INFÂNCIA DE PÉS DESCALÇOS

Nordestinho, 1915.

Esta pequena freguesia, na falda do Pico da Vara, suspensa entre o vento atlântico e o silêncio antigo das montanhas, era então como um mundo fechado sobre si mesmo, perdido na solidão insular. Enquanto o país se fragmentava nas convulsões da República e olhava com temor para as trincheiras da primeira Grande Guerra, nos Açores o tempo parecia deter-se. A vida obedecia ao ritmo das luas e das sementeiras, desenrolando-se entre os caminhos tortuosos de terra batida, as casas de pedra escurecidas pelo tempo, o toque urgente do sino da igreja e o grito do milhafre a rasgar os céus, sob o travo agri-doce de uma existência dividida entre o suor da terra, ainda imune às pressas da modernidade, e o sonho silencioso de encontrar outro destino para lá do mar imenso.

A 15 de agosto daquele ano, chegara ao Nordeste o primeiro automóvel – “um monstro vistoso e raro”, nas palavras do poeta João Teixeira de Medeiros –, que desceu pela estrada da Tronqueira em direção à Pedreira, para espanto de todos. Poucas semanas depois, a ribeira do Guilherme testemunhou mais uma cheia impiedosa que tirou a vida a três jovens que regressavam a casa depois de um dia de trabalho na serra. Nesse mesmo ano, foi construída a capela do cemitério de São Pedro, espaço que, anos mais tarde, viria a ser a última morada de Diniz da Luz, num derradeiro regresso à terra que o viu nascer.

Nesta antiga freguesia, formada nos tempos do povoamento da ilha, sob proteção de São Pedro, a fé parece erguer-se das pedras, das montanhas e da própria memória de cada um. Lugar onde a história se cruza com o intangível, envolto na mística das aparições de Nossa Senhora do Pranto, em 1915 o Nordestinho viu nascer um homem devoto a Deus, às letras e à condição humana.

Nascido em casa, no coração profundo do Nordestinho, Diniz da Luz Medeiros veio ao mundo a 8 de setembro de 1915. O seu nome era, em si mesmo, uma herança e um desígnio: «Diniz», que recebeu do seu irmão mais velho, Abel Diniz; e «da Luz», por ter nascido no dia da Nossa Senhora da Luz, que batizou o seu destino.

O seu pai, Manuel Jacinto de Medeiros, era comerciante; a sua mãe, Ana Ludovina Borges¹, tomava conta da casa; e o seu único irmão, 12 anos mais velho, foi um grande professor e jornalista. Esta era uma família modesta e profundamente religiosa, como eram quase todas as famílias do Nordeste naquele tempo. A criança cresceu descalça, sob os rigores de uma infância rural açoriana, onde os «puxões de orelhas» conviviam com as orações e o cheiro de incenso das missas de domingo. O Nordeste era, no início do século XX, uma comunidade marcada pelo isolamento, pela agricultura de subsistência e por uma estrutura social hierarquizada onde o padre e o professor eram, quase sempre, dos poucos intelectuais do lugar.



Família Medeiros

"Ao Cavador

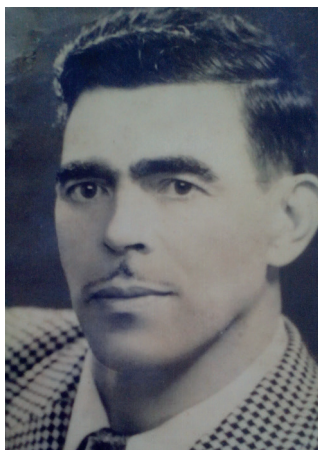
[a meu pai]

*Amigo cavador, fica por mim.
Vivi ao pé de ti, e com amor
Aprendi a lição do teu suor...
Como te hei de mentir se te amo assim.*

*Se alguma vez fôr buscar à aldeia
A tentação ruim das capitais,
Olha para a tua enxada... e nunca mais
Te prenderá o canto da sereia.*

*E ora um pouco sobre a terra fria
Que oculta as cinzas brancas dos avós.
Tu hás-de ouvir lá dentro a mesma voz.
Que a teu bom pai ouviste na agonia.*

*Lê pelo campo o poema do valor
Que escreveram, heróis, a breves traços
Com a pena sagrada de seus braços,
Sem outra tinta mais que o seu suor."*



Abel Diniz (irmão de Diniz da Luz)

¹No assento de nascimento de Diniz da Luz, consta Ana Ludovina Borges como nome da mãe. Contudo, noutras publicações biográficas sobre o escritor, é referido o nome de Ana Liduina, verificando-se uma divergência na identificação do nome da mãe.

"O chaile da minha mãe

*Eu guardo com carinho
Um velho chaile,
Meu único enxoval
De lembrança e saudade...*

*Com ele, foi minha mãe a casar,
Numa aldeia florida.
E com ele me abrigou
De muito vendaval.*

*Como eu lhe quero!
Quantas vezes escudo fiel
Contra as iras bondosas de meu pai.
Quando eu, menino.
Era pomba sem fel...*

*Com esse velho chaile
Minha mãe me adormecia
No colo ou em berço pobre,
Cantando, em cantilena,
Canções de António Nobre.
[...]"*



1928

Curioso por natureza e estudioso por vocação, Diniz da Luz fez a instrução primária no Nordestinho, orientado pela professora Inês Sofia Mota. Apesar de ter vivido uma infância «de pés descalços», como tantas crianças nordestenses da sua geração, não era um menino comum. Mesmo antes de entrar para a escola, aprendeu a ler com o pai, lendo o jornal *Diário dos Açores*, absorvendo notícias, histórias e ideias que mais tarde moldariam a sua escrita crítica e perspicaz. Os seus pés descalços sentiram a terra fria e a erva molhada, mas a sua mente voou alto enquanto decifrava o mundo através das páginas dos jornais que o pai trazia para casa. Num tempo e num lugar em que o analfabetismo era a condição de nascença da maioria, poderia o contacto precoce com a imprensa ter sido «um sinal»?

CHAMAMENTO DAS LETRAS

As adversidades da vida quotidiana moldaram desde cedo o olhar atento de Diniz da Luz acerca da fragilidade da existência humana. A morte do seu primo Guilherme abriu uma ferida profunda, difícil de sarar, enquanto a influência espiritual do pároco da freguesia – seu padrinho de crisma e figura de referência – lhe ofereceu conforto e orientação. Entre a dor da perda e o amparo da fé, começou a desenhar-se o caminho para a vocação sacerdotal, e o seminário surgiu como um porto de abrigo numa viagem transformadora.

Diniz da Luz entrou para o seminário de Angra, no coração da ilha Terceira, onde descobriu um mundo inteiramente novo, marcado pela convivência com estudantes vindos das outras ilhas, pela disciplina rigorosa e por rotinas que marcaram a sua visão do mundo. Descobriu também uma biblioteca. Lá, entre as paredes austeras, foi um rebelde leitor silencioso. Lia incessantemente, incluindo obras que não eram permitidas, que passavam de mão em mão com a cumplicidade de quem sente que a censura não pode travar o conhecimento.



Angra do Heroísmo



1932

Foi no seminário que descobriu a poesia. Primeiro, através dos hinos e dos salmos cantados na liturgia. Depois, o poeta Augusto Gil e a sua *Balada da Neve*, mas, quem mais influenciou o seu sentido poético foi Charles Baudelaire, uma escolha que evidencia a complexidade interior do jovem seminarista. Começou, então, a escrever, iniciando-se pela poesia. Entre os 13 e os 16 anos, escreveu cerca de 40 poemas que constituíram o seu primeiro livro, *Ponta da Madrugada*, publicado em 1939. Depois, em colaboração com a imprensa açoriana, assinava os textos com o anagrama do seu apelido «da Luz»: DAZUL. Uma assinatura da cor do mar, feita de luz e cheia de alma.

"Soneto das Hortênsias

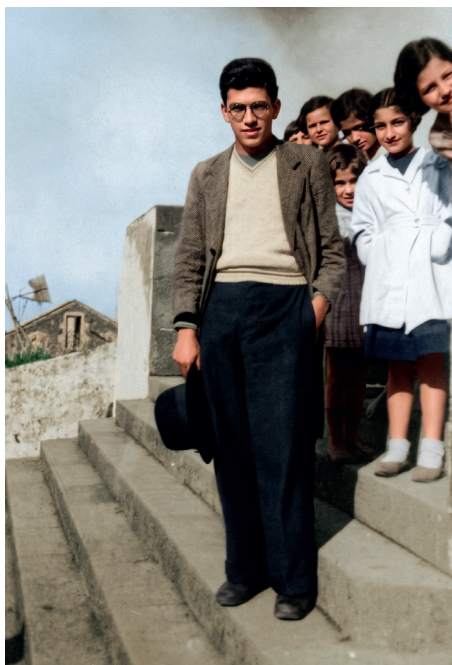
[dedicado a João de Vilar]

*Umas pequenas, outras entufadas,
E na altura dos beijos as mais delas,
Abrindo alas à vida, por vielas
Vêm assentar à beira das estradas.*

*Como se abranda o fogo das jornadas
Bebendo-lhes o sonho... só de vê-las
Em novelões dobados pelas belas
As inocentes mãos de boas fadas!*

*Pingos de céu e mar que a terra verde
Troca em onda de azul que não se perde
Nem ao bater de encontro às serranias,*

*Elas são alma límpida do solo
E as aldeias as levam bem ao colo
Em longas e devotas romarias."*



"Saudade do céu

[Aos amigos da infância a quem das mágoas
da vida Deus chamou a si]

*Se o berço amigo, bergantim ligeiro,
Ao largar, rumo feito ao mar da vida,
Contemplasse, no céu, a sina erguida
Onde se lê escrito o seu roteiro!*

*Chorar até morrer a luz perdida...
Quanta ilusão no mundo traiçoeiro!
Lutar no mar revoltado o dia inteiro,
Agonizar em noite mal dormida!*

*Ao contemplar a dor do seu destino
Fugiria do berço pequenino
À boquinha da noite ou à tardinha.*

*E vendo que o chamavam as estrelas
E a morte lhe acenava ao lado delas:
- Oh! morte... vem, meu bem, ventura minha..."*

[Férias de 1935]

Dinis Da Luz

PONTA DA
MADRUGADA
ANTOLOGIA POÉTICA

INTRODUÇÃO DE JOSÉ CARLOS CARREIRO
PREFÁCIO DE ADELAIDE BAPTISTA
SELECÇÃO DE ÁNGELA ALMEIDA

Edição da Câmara Municipal de Nordeste



Igreja de São Pedro, onde o padre Diniz da Luz disse a sua «missa nova»

MISSA NOVA

Portugal, 1938.

O país vivia sob o peso crescente do Estado Novo, com Salazar a consolidar um regime ditatorial sob o lema «Deus, Pátria e Família». Enquanto a vizinha Espanha se esvaía na Guerra Civil e a Europa tremia perante a iminência de um novo conflito mundial, o país vivia vigiado e filtrado pela censura. Nos Açores, este ambiente traduzia-se num isolamento ainda mais profundo, onde a Igreja emergia como o principal pilar de coesão social e moral, moldando as consciências num arquipélago que assistia, de longe, ao reordenamento do mundo. Neste Portugal de silêncios impostos e com a Europa à beira do abismo, Diniz da Luz abraçou o caminho espiritual, fazendo da palavra de Deus o seu escudo contra a pressão daqueles tempos.



Foi ordenado sacerdote a 12 de junho de 1938 e celebrou a «missa nova» na igreja de São Pedro, na sua terra natal, no chão onde aprendeu a caminhar, sob o toque do sino que ouviu durante a infância. Diante dele estavam os seus – o pai, a mãe, a família local e a que veio do estrangeiro, os amigos, os vizinhos e os mais velhos que o tinham visto crescer pelas ruas da freguesia –, todos reunidos para ouvir aquele filho da terra que se tornara sacerdote. Foi um dia de alegria profunda e de emoção partilhada, que Diniz da Luz guardaria, para sempre, como um dos dias mais felizes da sua vida.

LISBOA: LUZ VS SOMBRAS

Entre colaborações no jornal diocesano *A União* e noutros periódicos, e uma breve passagem pelo ensino em Ponta Delgada, em 1940 Diniz da Luz foi enviado para Lisboa, para ganhar experiência e dar forma ao seu notável talento para o jornalismo. Trocou a bruma dos Açores pela agitação lisboeta, aportando na cidade em janeiro desse ano. A capital fascinou-o de imediato: vasta, cativante e repleta de mistérios, a Lisboa que até então só conhecera por fotografias ou ilustrações conquistou o seu jovem coração. Tinha 24 anos, a sotaina negra, a inteligência aguçada e uma caneta que não parava de escrever. Morava no Rossio, num modesto quarto alugado, no mesmo edifício do histórico Café (do) Gelo, onde tomava o pequeno-almoço.



Ponta Delgada

Ainda dirigido por Fernando de Sousa e continuado por Pedro Correia Marques, *A Voz* era, então, o grande jornal diário católico português, uma redação onde a fé, a política e a prudência editorial conviviam diariamente, sendo necessário saber escrever com cuidado, pois cada palavra tinha o peso de quem sabe que está a ser lido por censores e por crentes ao mesmo tempo. Diniz da Luz, com um apurado sentido jornalístico e uma invulgar cultura geral, integrou-se como redator daquele jornal de voz conservadora e monárquica, onde ficaria por trinta anos, até 1970, como jornalista (que nunca deixou de ser escritor e poeta), mantendo-se simultaneamente ligado à imprensa açoriana e contribuindo para outros jornais nacionais, regionais e norte-americanos. No contexto político da época, inserido num jornal ligado aos meios conservadores e próximo do regime salazarista, o jovem jornalista divulgava informação religiosa em prosa e em versos.



1940

*A serra ajoelha. A noite ora
No chão em chama, pés nus,
A passagem da Senhora,
Vela branca em mar de luz.*



Lisboa



Lisboa

Enquanto a Segunda Guerra Mundial redesenhava o mapa do mundo, a personalidade inquieta e independente de Diniz da Luz não se remeteu ao silêncio. Num Portugal oficialmente neutro e sob censura apertada, usou a escrita para combater o nazismo e o fascismo. Manifestou abertamente a sua militância contra Hitler e o seu apreço pelos Aliados. Condenou o regime nazi e os seus crimes com uma clareza que poucos ousavam ter. Num país onde a censura cortava e rasurava, onde os jornalistas sabiam que as palavras podiam custar-lhes a liberdade, ele escreveu o que pensava e a sua coragem não passou despercebida.



1943



1944

Internacionalmente, foi condecorado pelo rei George VI de Inglaterra com a *King's Medal for Service in the Cause of Freedom*, uma medalha «de liberdade» destinada a reconhecer serviços relevantes prestados à causa dos Aliados. A Bélgica atribuiu-lhe o grau de *Oficial da Ordem de Leopoldo II*. Dois países destroçados pela guerra honraram um padre aqoriano que, de Lisboa, nunca deixou de dizer a verdade sobre o que via acontecer na Europa. Celebrado além-fronteiras, continuou, no seu próprio país, sem ter o reconhecimento oficial que merecia.

Internamente, o regime olhava-o de soslaio e os seus opositores não tardaram a reagir. No jornal pseudoclandestino *Alerta*, chegou a ser apelidado de «sacerdote estalinico» e de «grão-pope». Como tantos outros naquela época, também Diniz da Luz foi espiado, seguido e escutado, até por colegas jornalistas que colaboravam com o regime como informadores. Num tempo em que resistir custava caro, ele fez das palavras escritas uma forma de resistência.



1944



Ao lado de outros jornalistas micaelenses, contribuiu para encorajar a vocação literária e a afirmação intelectual da jovem escritora Natália Correia, também ela natural de São Miguel, com quem participou num programa na Rádio Clube Português. Ela descreveu-o como um homem com múltiplos talentos, um poeta de rara sensibilidade que *"criou um estilo próprio, onde há um mundo de profunda intimidade a agitar-se subjetivamente na harmonia musical dos seus ritmos"*.

Sempre disponível para ajudar quem precisasse, destacou-se pela defesa incansável dos interesses da sua terra, da sua ilha e dos Açores, dedicação que lhe valeu a alcunha de «cônsul dos Açores».



Sintra



"Podia escrever: Porque me orgulho de ser Açoriano. Porém, o que tenho passado por doença e sem família, fez estremecer essa ideia, embora as terras não tenham culpa dos males dos seus filhos. Mas tinha tempo para respirar e ver o Benfica. O cargo anedótico de Cônsul-Geral dos Açores tirava-me o sono e o melhor das folgas de tempo útil. Orgulho-me de uma coisa: nunca deixei de receber um açoriano ou o fiz esperar. Nunca fui dos açorianos encobertos em Lisboa."

O ESCRITOR

“

Ao longe, lembro sempre com perene saudade e ampla ternura essa terra alta e valente da ilha de S. Miguel, coroada pelo cimo em que a «Ilha Verde do meu sonho azul» está mais perto do céu.

”



Pico da Vara, Nordeste



Naturalmente tímido e reservado, Diniz da Luz era um homem que compreendia a *“grandeza e miséria”* da condição humana. Guardava o «xaile» da sua mãe como o *“único enxoval de lembrança e saudade”*, enquanto o «binóculo» do seu padrinho evocava o pequeno Nordestinho, onde nada passava despercebido. Encontrou no Natal uma fonte de inspiração poética – uma época paradoxal, que considerava como a sua *“doença anual”*, simultaneamente repleta de ternura, de ausência e de saudade –, chegando a sonhar que *“ficasse Natal eternamente”*.

Entregava uma grande parte do tempo e do espírito à leitura e à escrita, conquistando reconhecimento nos círculos literários e jornalísticos da capital. Considerado pelo prestigiado jornalista Artur Portela como *“uma das mais brilhantes revelações dos seus tempos”*, Diniz da Luz destacou-se não só em Lisboa, como também na diáspora, afirmando o seu nome nos círculos intelectuais da época.

Navegou entre a poesia, contos e ensaios, revelando sensibilidade estética e profundidade humana. Obras como *Ponta da Madrugada*, escrita ainda na adolescência, e *Antes de vir a noite*, mostram o seu talento precoce e a capacidade de transformar a experiência pessoal e coletiva em palavras poéticas. Os seus poemas têm uma sonoridade antiga, embora revelem uma melancolia atual; e os seus artigos têm a clareza da prosa jornalística e a profundidade do ensaio filosófico.

“O Natal de Belém não seria Natal se não passasse pelo nosso coração.”



"UM DIA

Talvez um dia... E à espera desse dia
 Dissipamos os dias que vivemos.
 Talvez além... E ansiosos percorremos
 Os caminhos de amor e de alegria.
 Nunca nos satisfaz o bem que temos
 Só temos ambições em demasia,
 - Sem elas, esta vida que seria?
 E até com alegria nós sofremos...
 Ter é sofrer. E assim é só esperança
 Que o coração do homem não se cansa,
 Só ela embala sempre a dor humana.
 Mas só esperamos na ilusão que foi,
 Só é verdade aquilo que nos dói,
 Só nos consola o bem que nos engana."



Santana, São Miguel, 1947

Nasceu numa aldeia, estudou num seminário, atravessou os anos sombrios das guerras e viveu sob uma ditadura que impunha limites à liberdade de expressão. Fez do jornalismo um instrumento de intervenção e da escrita uma forma de dar voz às inquietações do seu tempo. Viveu três décadas na capital, privou com escritores, intelectuais e figuras das elites políticas e culturais, atravessou fronteiras, viajou por diferentes destinos e conheceu outras geografias humanas, outras culturas e outros modos de pensar, sem nunca deixar que a distância enfraquecesse a ligação à «ilha verde do seu sonho azul».



Cabo da Roca, 1944



Cabo da Roca, 1944



Vaticano, Roma



Jornalistas que partiram para Bruxelas



Peninha

Lisboa abriu o seu mundo. Foi amigo e admirador de Natália Correia e chegou a ser capelão do empresário e colecionador António Medeiros e Almeida, também ele descendente de pais açorianos. O círculo de amigos que construiu seria o mapa de uma geração cultural extraordinária, com destaque para Ferreira de Castro, Vitorino Nemésio, Júlio Dantas, Jorge de Sena, Afonso Lopes Vieira, Artur Portela, Cortes-Rodrigues – nomes que fizeram a literatura e a poesia portuguesa do século XX. Com eles, Diniz da Luz discutia, escrevia, discordava, defendia. Era um dos seus, sem deixar de ser do Nordestinho, que perdurou em si como um lugar de regresso, de memória, de identidade, de infância e, por fim, de velhice.

REGRESSO AO SILÊNCIO DA ILHA

“

*Nunca pensei (...) que viria
a acabar os meus dias na
minha aldeia.*

”

Em 1970, Diniz da Luz regressou ao seu ponto de partida, o Nordestinho, “berço da minha vida e dos meus sonhos”. Fragilizado pela saúde, o homem que jantara com a elite intelectual portuguesa voltou à casa que fora dos seus pais e reabriu a janela para o mar de São Miguel, vendo os navios passar lentamente no horizonte da costa norte da ilha:

- *“De manhã cedo, quando abro a janela, dou uma vista de olhos pelo mar. De vez em quando, lá vai um navio, muito ao longe, roncero, como uma lesma de metal num pano azul. Depois, olho em volta, para me certificar se tudo está na mesma. Está sempre tudo na mesma. As casas, a igreja, os campos.”*

Nestas palavras, expressa a melancolia da terra, a paz forçada do regresso a casa e a beleza imperturbável do Nordestinho que envelhece sem pressa. A sua terra, afirmou, foi “o xaile materno, o manto de alma, quase meu Anjo da Guarda nas andanças da vida e do mundo”.



A estadia na ilha e os ares do Nordestinho parecem ter sido benéficos para a sua saúde, permitindo-lhe retomar a atividade literária e jornalística após um período de afastamento. Para trás ficou Lisboa, que nunca lhe saiu do pensamento, tal como o Nordeste nunca lhe saiu do sangue. Entre as saudades que o acompanharam, sobressaíram Fátima, o Benfica e a amizade com o padre Moreira das Neves.



São Pedro de Nordestinho

Depois do 25 de Abril, continuou a escrever na imprensa açoriana, com a mesma independência, agora sem censura. Aquele padre que fora chamado «estalínico» na escuridão do regime, escrevia à luz do dia, com o mesmo espírito crítico e a mesma coragem de sempre. Os seus artigos eram aguardados com grande expectativa, para trazer aos Açores as notícias da Europa, da América e do mundo.



Benfiquista convicto, fumador incorrigível e grande apreciador de café, foi um homem de hábitos firmes e de paixões simples. Falava várias línguas e viajou por diversos países. Foi a Roma. Viu o Papa. Apesar do seu temperamento otimista por natureza, não deixava de revelar uma sensibilidade melancólica expressa nas suas próprias palavras: *"toda a sombra me fascina e toda a luz me entristece"*.

Numa entrevista com Natália Correia revelou: *"Só desejo que escrevam o seguinte epitáfio na minha sepultura: «Aqui jaz um açoreano que muito amou a sua terra»"*. A 20 de dezembro de 1987, morreu em casa, no Nordestinho que o viria nascer. Tinha 72 anos.



São Pedro de Nordestinho

MEMÓRIA QUE FICA: UM LEGADO DE LIBERDADE

Uma rua. Um jardim com um busto. Uma escola com o seu nome, hoje esquecido. Um prémio municipal destinado aos profissionais da informação que elaborem trabalhos jornalísticos sobre o Nordeste. A antiga casa convertida num Centro de Convívio de Idosos, hoje encerrado. O título do seu primeiro livro perpetuado no miradouro da «Ponta da Madrugada», lugar onde o amanhecer se revela em toda a sua beleza, repleta de luz e de tranquilidade.

O Nordeste exalta, assim, a memória de um homem de palavras rebeldes, que fez ouvir a sua voz num tempo de silêncio forçado. De um lugar à margem da ilha, ergueu-se no centro da cultura portuguesa. Num século de guerras e de medos, foi um escritor corajoso que soube que as palavras podem ser armas e que as usou em nome da liberdade e da justiça.



Rua Padre Dinis da Luz, em São Pedro de Nordestinho



Busto da autoria do escultor José Almeida



Toponímia: Rua Padre Dinis da Luz, em São Pedro de Nordestinho



Casa de família



Definiu-se a si próprio com a humildade de quem sabe o tamanho do seu sonho: *"Uma criança que sonhou fazer um hino, mas ainda não o concluiu e não sabe se o poderá fazer como sonhava!"* Tinha um lema: *"Por um Portugal português, num país brilhante pela Justiça e Liberdade!"* O hino ficou por concluir, mas as palavras que deixou – na poesia, no jornalismo, nos ensaios, nas crônicas – são elas próprias uma parte da música que escreveu e que hoje recordamos. Poeta de espírito inquieto e exigente, expressou bem a sua angústia criativa ao escrever que *"A dor é só uma – querer fazer de tudo um hino e sair uma cantiga!"*

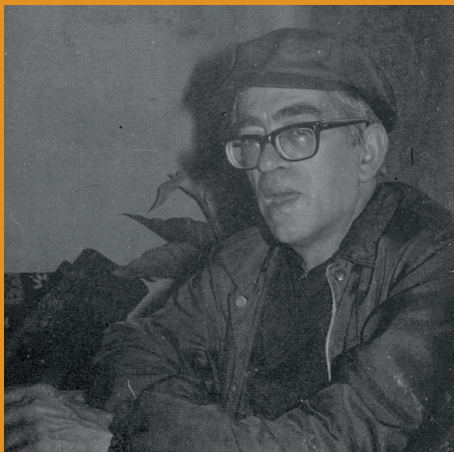
Principais obras de Diniz da Luz:

Ponta da Madrugada (1939);
Antes de vir a noite (1944);
Grandeza e miséria (1945);
De Deus e do Homem (1945);
Jornais e Jornalistas Modernos [separata da revista *Estudos*] (1948);
Destinos no mar (1951);
Asas de Natal e mais sete poemas (1958);
A sereia canta nos portos (1979);
Vitorino Nemésio: apontamentos para um poema (1979);
Coisas da censura e um artigo para "inquietar" toda a gente (1979);
Sena Freitas (data desconhecida).

Obras por publicar:

Ilhas perdidas;
Quando se muda de século de dez em dez anos.

Diniz da Luz Medeiros (Nordestinho, 08/09/1915 – Nordestinho, 20/12/1987)
Sacerdote. Jornalista. Escritor. Poeta. Filho do Nordeste. Nordestense.



visitnordeste.pt

Ficha Técnica

"Diniz da Luz: um homem com o mar na janela e a liberdade no pensamento"

Edição digital da Câmara Municipal do Nordeste | Data de edição: 2026 | Fotografias: Álbum de família de Diniz da Luz, arquivo da Câmara Municipal de Nordeste, Mafalda Vicente e Mário Nelson Medeiros | Grafismo: Amazing Azorea 82 | Distribuição gratuita.